



SONIA REGINA NEUBERN DE SOUZA ALMEIDA

SEGREDOS FAMILIARES

São Paulo 2007

SONIA REGINA NEUBERN DE SOUZA ALMEIDA

SEGREDOS FAMILIARES

Monografia apresentada a Sistemas Humanos – Núcleo de Estudos e Prática Sistêmica: Família, Indivíduo, Grupo, como exigência final para obtenção do título de Terapeuta Familiar e de Casal, sob a orientação da Professora Dra. Elizabeth Polity.

São Paulo 2007

Agradecimentos

Agradeço a Deus por sempre iluminar o meu caminho; ao Natalisio, meu marido, pelo carinho, paciência e apoio incondicional; às minhas filhas Mariana, Leticia e Carina pela inspiração e motivação desse percurso; à professora e orientadora Dra. Elizabeth Polity, pelo acolhimento e encorajamento contínuos na pesquisa; ao Professor Dr. Marcos Naime Pontes, à Professora Sandra Fedullo Colombo e a Dra. Walderez Bittencourt, por abrir portas e incentivar a realização do meu sonho, aos demais Mestres da Casa, pelos conhecimentos transmitidos; a minha amiga e parceira Marjorie Carbone; às companheiras do curso de formação; ao grupo do Centro de Atendimento à Família (CEAF); à psicóloga Margarida De Biase pela contribuição no meu autoconhecimento, à Monica Brasil, que me ajudou com a parte tecnológica da apresentação, à Valquiria Teixeira, aos meus irmãos e a todos os amigos, parentes e colegas, que juntos compõem a verdadeira alegria de compartilhar as emoções e o aprendizado da vida e que, direta ou indiretamente, colaboraram na construção deste trabalho.

Cada um de nós compõe a sua história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz

Almir Sater e Renato Teixeira

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	O SISTEMA FAMILIAR.....	8
2.1	CICLO DE VIDA FAMILIAR.....	9
2.2	AQUILO QUE PODE SER DITO OU NÃO.....	10
3	OS SEGREDOS FAMILIARES.....	12
3.1	CONCEITO GERAL.....	12
3.2	OS EFEITOS NA FAMÍLIA.....	13
3.3	O GRANDE DILEMA: REVELAR, OU NÃO, UM SEGREDO.....	15
4	O SEGREDO FAMILIAR NA ADOÇÃO.....	17
4.1	O PROCESSO DE ADOÇÃO.....	17
4.2	A TERAPIA TRABALHANDO OS SEGREDOS NOS CASOS DE ADOÇÃO.....	21
5	AS TEORIAS QUE (IN)FORMAM A PRÁTICA.....	24
5.1	PAUL WATZLAWICK.....	24
5.2	TOM ANDERSEN.....	24
5.3	JOHN BOWLBY.....	25
5.4	EDGAR MORIN.....	26
5.5	MONY ELKAIM.....	28
6	EM FRENTE AO ESPELHO - O ATENDIMENTO CLÍNICO.....	31
7	TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	43
8	RESSONÂNCIAS DA TERAPEUTA.....	47
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, exigência para a conclusão do curso de formação em terapia familiar e de casal da organização Sistemas Humanos, tem, como objetivo, uma reflexão sobre os segredos familiares, dando ênfase ao tema da adoção, não só ponto central do atendimento clínico realizado no primeiro semestre do terceiro ano, também por ter sido o início de nova trajetória de minha vida, quando adotei minhas duas filhas, Carina e Letícia, ocasião em que começou o processo de libertação de meu próprio segredo familiar, impulsionando-me para o desenvolvimento de diversas mudanças.

A idéia surgiu a partir dos questionamentos e discussões relacionados às conseqüências da manutenção dos segredos familiares. Tendo em vista a amplitude do assunto, elegi, como ponto de partida, a análise do tema do segredo e os silêncios, associados à adoção, bem como do efeito, na maioria das vezes, reparador e saneador de enfrentar o não enfrentado, seja isto num contexto terapêutico, ou não, ao permitir pôr em palavras e revelar temas que foram silenciados.

Os membros de uma família podem tornar-se surdos, cegos e mudos com relação às informações e, quer mantenham um segredo para sua segurança ou o desfaçam, para sua libertação, como terapeutas, devemos atendê-los com grande cuidado, construindo a partir dos seus desejos, que podem, ou não, querer tirá-lo das sombras, assim como muitos outros temores, preconceitos, crimes e injustiças que o abastecem. Precisamos estar cientes de que os segredos são outros atores complexos e importantes no drama familiar, que podem ter nascido do medo e do amor, oferecendo proteção e causando dor.

Alguns segredos podem ser nocivos, gerando sintomas debilitantes e desgaste de confiabilidade no relacionamento. Os segredos nocivos freqüentemente têm longa duração, além de exigir um trabalho cuidadoso e senso de oportunidade para que o terapeuta os revele e lide com as conseqüências. Freqüentemente, referem-se a ações ocorridas no passado, mas cujo poder para afetar os relacionamentos e o bem-estar individual, permanece vivo no presente. (IMBER-BLACK, 1994, p.22).

É necessário ficarmos atentos, pois alguns segredos, tais como abuso sexual, violência física e psicológica, são perigosos, exigindo medidas imediatas do terapeuta, para garantir a segurança do(s) abusado(s).

O conteúdo de determinado segredo terá vários significados para diferentes famílias, seus membros e terapeutas. Esses significados geralmente derivam-se dos conceitos sociais na cultura, o que exige que os terapeutas considerem com examinem e questionem a origem de tais segredos. (op.cit., pg. 23)

Uma mudança no que é mantido secreto, freqüentemente, resulta de uma mudança nos significados. A adoção, por exemplo, costumava carregar consigo , e muitas vezes ainda hoje, o estigma e a vergonha, devido à chamada “ilegitimidade” da pessoa adotada, bem como à provável infertilidade do casal.. Ela é um modo peculiar e possível de constituição de famílias, cujas diferenças e similitudes com aquelas compostas por laços biológicos são geralmente silenciadas, por razões individuais e histórico-sociais. Nesse sentido, um dos principais papéis da terapia familiar é construir com as famílias, com um ou mais membros adotados, a legitimação de todos, no sistema.

Esses lutos e dores, muitas vezes, não são assimilados e sim mascarados, a partir de segredos que funcionam como proteções sociais, fontes constantes de sofrimento, visto que não ocorre o esvaziamento próprio da liberação e que podem ser compartilhados por diferentes subsistemas, cada um deles cuidado e acompanhado, na resolução de seus duelos e conflitos — eis, justamente, um dos sentidos da terapia. Como já foi dito, em muitos casos a adoção também é motivo de segredo. Nesse trabalho, vamos abordá-la com tal enfoque, um dos temas do nosso atendimento clínico.

2 O SISTEMA FAMILIAR

Segundo Gomes (2000,pág.17),

a família é composta de indivíduos que estabelecem relações entre si criando um conjunto de crenças compartilhadas que contribuem para o sentimento de pertencimento de cada um de seus membros, sendo que cada indivíduo, por suas idiossincrasias, determina as relações que aceita, o que lhe cunha uma medida de autonomia. A família é a matriz da identidade de seus membros, os quais compartilham uma dinâmica na qual cada um exerce uma função distinta e complementar. Ela se desenvolve ao longo do tempo, reformulando-se a cada nova etapa, descrevendo um ciclo evolutivo que é determinado tanto pelo desenvolvimento pessoal de seus membros, à medida que envelhecem, como por mudanças na rede de relações extrafamiliares ou mudanças no macro sistema. A família se estrutura através de um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem.

Atualmente, falar de família leva-nos a falar de diversidade. Além do quase obrigatório plural com que devemos referir-nos à instituição familiar, é verdadeiro que suas definições, por mais variadas que sejam, escoram-se, hoje, nas relações, dando a idéia de que ela é, antes de mais nada, um sistema relacional que não faz referência necessariamente a laços de sangue.

De acordo com Minuchin (1990, p. 52)

À medida que as sociedades ficam mais complexas e são adquiridas novas habilidades, diferenciam-se estruturas societárias. A moderna civilização industrial urbana impõe habilidades altamente especializadas e a capacidade de adaptação rápida a uma situação sócio-econômica constantemente em mudança.

A história dos indivíduos dentro das famílias e seu ciclo de vida não são lineares, e nem tão previsíveis, pois uma mesma pessoa pode passar por diferentes mudanças de perspectiva em toda sua existência. Por isso mesmo, a família sente-se ameaçada no que tem de mais fundamental: na base suficientemente segura que procura dar a seus membros, para enfrentar os acontecimentos da vida.. Antes, apresentava dimensões muito particulares da experiência humana: tempo de aprendizagem, de educação, de reprodução além de contribuir para a socialização dos filhos, em relação aos valores culturalmente aceitos e, atualmente, está cedendo algumas destas funções a outras instituições, como a Escola, que tem um papel importante, pois ajuda as crianças a penetrar em diferentes âmbitos sociais — contribui na formação de crianças mais

autônomas, emocionalmente equilibradas, capazes de estabelecer vínculos afetivos satisfatórios.

A Família e a Escola não são os únicos contextos onde se educam e se constroem os valores, mas uma realidade, cujo ambiente de proximidade e intimidade as torna especialmente eficazes nessa ‘tarefa.

Como aponta Morin em fragmentos do livro Fragmentos do livro Amor, Poesia, Sabedoria (2002, p. 6)

a sabedoria deve saber que traz em si uma contradição: é louco viver muito sabiamente. Devemos reconhecer que, na loucura que é o amor, há a sabedoria do amor. O amor da sabedoria – ou filosofia – tem falta de amor. O importante, na vida, é amor. Com todos os perigos que carrega .

Imersa em outros sistemas, está a família, também sistema, em que cada elemento afeta outros e é afetado por eles, numa contínua interação, numa espécie de equilíbrio circular que, uma vez estabelecido, tende a manter-se, provocando o que se chama de homeostase, tendência a permanecer igual a si mesmo, sufocando, em muitos casos, qualquer tendência ou acontecimento que provoque um movimento contrário. De todas as maneiras, os sistemas também têm aptidão para a mudança e seus modos de relação não são considerados em forma linear, e sim circular, onde cada elemento influi no outro e este no primeiro.

No trabalho terapêutico, com pessoas que vivem o tema da adoção em suas próprias famílias, enfrentando, na maioria das vezes, vivências relacionadas com a infertilidade, o abandono infantil, os lutos não resolvidos por anseios frustrados e a revelação ao filho de sua condição de adotado, é possível apreciarmos uma série de mitos, temores e tabus que circulam na sociedade e levaram quem vive esta realidade a silenciar, às vezes por longos anos, sentimentos, experiências e vivências, por temor a que se estas “verdades” surjam na linguagem ou na recordação, sejam “demasiado difíceis de assumir”, ou, inclusive, prejudiciais para quem as vive. Mais ainda, observamos que em muitas dessas histórias se ocultou informação ou se mantêm mentiras, em prol de “evitar” possíveis sofrimentos aos membros delas.

2.1 Ciclo de Vida Familiar

Falar em adoção e segredos, remete-me a pensar sobre o ciclo de vida, isto é , o tempo da história da família quando decide adotar uma criança.

Em geral, distinguem-se três grandes tempos na vida de uma família:

1. o de constituição do casal: a eleição dos membros, o casal e a coabitação sem filhos;
2. o de expansão, isto é, da chegada dos filhos, que implica a transição à paternidade e a vida com filhos de idade pré-escolar e escolar;
3. o de redução, quando os filhos se emancipam, o casal volta a ficar só e sem atividade trabalhista.

Essas etapas sofrem alterações: mudanças na composição familiar, quando membros se anexam ou se perdem, na composição em relação às idades e na situação trabalhista.

Podemos descrever as etapas como:

- constituição do casal: quando a mulher e o homem formam o casal, cada um tem uma série de expectativas — como deve ser o funcionamento da parceria, valores — embora não digam de forma explícita. Essas maneiras de conceber as coisas podem ir, desde como se devem relacionar homem e mulher, até a repartição das tarefas domésticas, isto é, quem cozinha, lava os pratos, quem ajuda a quem. Nessa etapa, considero importante o sucesso na separação com as famílias de origem, que quanto mais aglutinadas, maior dificuldade trará, pois, em certos casos, separar-se, pode significar abandono ou traição.
- nascimento dos filhos (com as primeiras etapas de vida pré-escolar e escolar) : que lugar eles ocuparão. O modo de participação dos pais e de seus familiares está vinculado com a relação deles entre si e de cada um com sua família de origem. É nessa etapa que se põe em jogo como se deve educar a um menino ou a uma menina, e em geral o que se quer dos filhos, se isto se define por repetição ou por oposição ao que os pais viveram, eles mesmos, como filhos; o que se atribui externamente a essa criança que chega, desde a maneira de esperá-la, do lugar que ocupará, o nome que receberá etc.
- tempo de redução: também chamado de ninho vazio, quando o casal se reencontra, normalmente, sem a atividade trabalhista e tem que fazer um novo contrato de casamento.

2.2 Aquilo que pode ser dito ou não

Ao se formar, as famílias vão herdando crenças, mandatos e regras, em geral implícitos, provindos das famílias de origem, transmitidos de geração em geração, podendo funcionar como veículos concretos de expressão dos valores, sejam eles explícitos ou não, possivelmente, respondem à tradição e são os principais obstáculos para a mudança.

As regras familiares constituem indicadores de comunicação por excelência, e através delas se determina quem fala com quem, quem tem direito a que, como se expressam os afetos, o que se pune, o que se permeia, a quem corresponde fazer o que. Com diferentes conteúdos, algumas são organizacionais ou instrumentais, ou seja, regulam os

horários, as tarefas domésticas, as rotinas e, em alguns casos, podem ser mais flexíveis, mudar ao longo do ciclo familiar e estar a serviço do crescimento dos membros do grupo.

As mais importantes para a teoria sistêmica são as que regem as interações, isto é, as distâncias com a família extensa, com os amigos, os vizinhos e também a intimidade e a forma de exprimir o afeto entre os membros da família nuclear.

Existem regras que fazem referência às formas de apoio e se vinculam ao quando se pede ajuda, a quem e como. Outras, regulam a maneira de proceder ante os conflitos, como se enfrentam, e no caso de fazê-lo, como se resolvem. Se a regra básica de uma família é “não temos conflitos”, penalizar-se-á a todo aquele que tente denunciar um. Claras, delineando limites, somadas aos valores familiares e a serviço das metas, contribuem para o crescimento da família e para dar segurança aos filhos, desde que não sejam excessivas, pois podem resultar em um fator estressante.

Por último, os segredos, que constituem um risco para o prestígio familiar, na maioria das vezes, são regulados mediante regras: quanto e quando se contam, com quem se compartilham, com quem se fazem alianças.

3 OS SEGREDOS FAMILIARES

3.1 Conceito Geral

“Não diga que eu te disse” ou “não o comente” são frases quase feitas quando se fala de segredos. Mas, neste reservado âmbito, a diversidade é imensa e os extremos vão desde os individuais até aos que são compartilhados por famílias, bairros ou povos inteiros. Mesmo assim, o conceito não perde sua essência: reserva e ocultamento, e em muitos casos, são um pesado ônus para seus portadores.

Solicitar de imediato, antes de começar a narrar o fato, que a história “fique aí”, é sem dúvida a petição que aflora instantaneamente, quando uma pessoa decide depositar em alguém essa experiência, da qual se arrepende ou que, decididamente, quer evitar que seja conhecida. E o “daqui não sai” vem selar uma espécie de pacto entre os envolvidos – o beijo ao namorado da melhor amiga, uma mentira branca para poder obter alguma permissão, são alguns exemplos. No entanto, existem também tipos de segredos que envolvem famílias completas, que, por diversas razões, mantêm ocultas, sob chaves, histórias que comprometem algum parente, de mães que em realidade são avós, de antepassados dedicados a atividades ilícitas, de filhos perdidos em clínicas clandestinas, de negócios que terminam entre grades, de histórias indizíveis de incesto, de suicídio, de infidelidades, de mortes “desonrosas”, de doenças ou condutas homo afetivas . Todos eles, ocultos pela sanção social, que poderá provocar ao assumi-los publicamente.

Parafraçando Polity (2005), quando os segredos ficam recalçados, ou seja, guardados por anos ou até a morte, tornam-se um verdadeiro “capital transgeracional”, constituindo um ônus enorme para seus integrantes, podendo até, retornar sob formas de sintomas, de delírios, de somatizações variadas, para assombrar toda uma descendência, que se encontra, às vezes, há várias gerações de distância.

Geralmente, os membros do sistema familiar não têm consciência do peso e dos esforços que implicam guardar, sob cadeado, acontecimentos e experiências que “não devem” ser revelados. No entanto, costuma-se observar como esses segredos têm um efeito potente na vida das pessoas, inclusive, nas gerações posteriores, trazendo conseqüências, que, na maioria das vezes, costumam ser adversas e ir contra o desenvolvimento, a liberdade e a espontaneidade das pessoas, que se enovelam em intrincados conflitos ou em lutos penderes.

Há famílias que mantêm, na maioria das ocasiões e por tanto tempo, segredos ocultos, dissociados ou negados, por medo de que a união e o sistema se rompam, embora a revelação destrua, muitas vezes, mitos, reais ou produtos da fantasia, construídos ao longo das gerações.

Quando são revelados, surgem intensas emoções, raiva, frustração, angústia, dor, culpa, tristeza, necessárias para o processo de crescimento e “libertação”.

Os segredos entre os pais e filhos representam questões e dilemas complexos para o clínico, exigindo considerações terapêuticas especiais para sua obtenção e revelação. Certos segredos podem ter um efeito pernicioso sobre a interação familiar, destruindo a confiança e a comunicação e criando o comportamento sintomático. Outros segredos podem servir para proteger a privacidade e promover a independência e a autonomia. (IMBER BLACK, 1994, p.93)

Em *Os segredos na família e na terapia familiar* Karpel (apud IMBER BLACK 1994, pg.391) descreve três níveis de segredos:

1. “Individuais”: o depositário do segredo é uma só pessoa da família e mantém-no para si mesma. Por exemplo, só o pai sabe que ele teve uma amante.
2. “Internos”: pelo menos duas pessoas da família são conscientes do segredo e o mantêm de outros. Por exemplo, só os dois pais sabem que o filho é adotado.
3. “Compartilhados”: trata-se de um segredo só para o exterior da família, não é compartilhado com o mundo externo. (tabus ou áreas de reticência). Por exemplo, ninguém sabe que o filho é dependente químico.
4. Também existe o chamado “segredo absoluto”, esse que está na consciência, inclusive no inconsciente do portador. Então, a palavra “Secreto” é ambígua, pois designa tanto o dito, quanto o não dito absoluto, passado silenciosa e inconscientemente, de geração em geração, como se fosse um legado.

3.2 Os efeitos na família

O segredo refere-se a temas carregados de intensos sentimentos de temor, vergonha e culpa e o tabu que impede sua revelação tem por objeto, principalmente, evitar a mortificação e o conflito. Seu conteúdo, em geral, relaciona-se com a vida sexual dos pais, com os filhos (as) ilegítimos, com casais anteriores, com violências físicas ou sexuais, com bebidas, drogas — acontecimentos ou ações que a sociedade considera vergonhosos e cuja revelação teria dolorosas conseqüências para a auto-estima das pessoas implicadas.

A decisão de ocultá-lo tem raízes profundas e complicadas, visto que costuma produzir vergonha, medo ou outros sentimentos que não podem ser enfrentados, e o temor de perder um familiar, um amigo ou amiga, ou um trabalho pode levar-nos a selar “a ferro

e fogo” o cofre dos segredos, que também se guardam, para proteger as pessoas amadas, ainda que, muitas vezes, seja um direito delas saber a verdade. Outras vezes, ele é mantido para proteger-se ou para assegurar o poder.

O viver dentro de um segredo, como protagonista principal, ou cúmplice do silêncio, pode gerar uma mistura de responsabilidade, angústia, culpa ou atitude protetora, independente de calar-se por convicção própria, por pressão ou ameaça familiar. Em muitos casos, as respostas são o silêncio, a frustração ou a desolação. Todas as relações, dentro da família, familiares ou não, afetam - se profundamente com esse código silencioso. Rompê-lo pode ser visto como um ato de traição, mas, calar, gera códigos familiares que impedem o pedir ajuda e liberar-se.

Como aponta Kathy Weingarten (apud IMBER BLACK 1994, p. 369)

Ao longo do tempo, tenho identificado duas orientações básicas acerca dos segredos, mentiras e distorções da verdade que os terapeutas e clientes trazem à terapia. Numa delas, há uma crença de que os segredos mantêm e protegem os relacionamentos. As mentiras e distorções da verdade são a carga necessária e inevitável que deve ser carregada para evitarmos ferir os outros, o que pode ser o resultado de contar a verdade. Contar a verdade é visto como auto-indulgência. Isto danifica relacionamentos e cria “monstros” que se alimentam na catástrofe.

A outra orientação vê os segredos, mentiras e distorções da verdade como impedimentos à intimidade. Contar a verdade é visto como início de um processo de restauração e reparo, no qual a capacidade para os significados compartilhados pode eventualmente ser reconstruída. Este processo ocorre mais harmoniosamente numa atmosfera sem imposição de culpa, apoiadora, na qual as pessoas escutam atentamente e falam sensatamente umas com as outras.

Para muitas famílias, a necessidade de contar um segredo cresce tanto que explode de um modo não planejado. Às vezes, o peso desse ônus é tão grande, que o caminho é a revelação, que ocorre, com frequência, em períodos de intensas mudanças nas relações que, comumente, mudariam e cresceriam, porém, congelam-se no momento em que a presença de um segredo encerra as pessoas envolvidas, pois, construído em pontos cruciais da vida, pode provocar rompimentos nas relações familiares, produzindo mais confusão que clareza — em algumas ocasiões, esses problemas levam toda uma vida.

Abrir um segredo, nem sempre resulta em um sentimento libertador e isso depende da intenção e dos motivos que rodeiam a revelação, por exemplo:

- Quando há desejo de vingança.
- Quando se tenta dividir lealdades.
- Quando um quer se liberar do segredo, e passa ao outro esse ônus.

- Quando se crê ter a responsabilidade moral de abri-lo, sem considerar as conseqüências.
- Quando ele é usado para manipular e controlar a vida de outros.

Essas motivações podem ser reconhecidas como sinais de alarme, e, muitas vezes, devem ser questionadas sobre sua necessidade, sobre o custo pessoal e familiar de abri-lo sob tais circunstâncias.

3.3 O grande dilema: revelar, ou não, um segredo.

Humberto Maturana em *A ontologia da realidade* (1990, p. 42), afirma que:

conhecer é viver, e viver é conhecer, o que estou dizendo é que o ser vivo, no momento em que deixa de ser congruente com sua circunstância, morre. Ou seja, quando acaba seu conhecimento, morre. É um conjunto que é uma unidade em sua circunstância. Mas ele é como é, segundo sua história com sua circunstância. E sua circunstância é como é, segundo a história de sua dinâmica

Geralmente, decidir revelar um segredo, ou não, provoca muita ansiedade. A dúvida de quem aprovará ou desaprovará o fato pode interferir na decisão, pois existe o risco de perder a aceitação ou o respeito familiar. Com frequência estabelece-se o conflito, de um lado, e, sentimentos de angústia quando se cala. Ainda que exista a intenção de consertar o dano causado, nem sempre resulta favorável revelá-lo, pois se é aberto num mau momento, ou em condições bruscas, mais do que ajudar pode resultar doloroso ou destrutivo.

Às vezes, compartilhá-lo com pessoas alheias à família, melhor amigo ou com um terapeuta, pode não só ajudar a clarificar se vale a pena, ou não, dar a conhecê-lo dentro do lar, como também ser liberador, isto é, o primeiro passo para uma tentativa futura de ventilá-lo no âmbito familiar.

Assim como cada caso é único e especial, não há receitas para decidir quando se deve, ou não, revelá-lo: é uma decisão pessoal, atrelada às circunstâncias e momentos de vida tanto de quem guarda o segredo como das pessoas envolvidas nele. Mas, antes de tomar uma decisão tão significativa como essa, pode-se responder a algumas perguntas:

Para que quero revelar ou guardar o segredo?

Que efeitos tem sobre nossa relação o guardá-lo?

De que modo beneficiaria ou prejudicaria minha família e a mim mesmo se o revelo?

Guardá-lo tirou-me tanta energia, que poderia dedicar a outros propósitos?

Ele me conduziu a negar o que realmente está ocorrendo em minha vida?

Estou distanciando-me das pessoas de quem gostaria de estar perto?

Leva-me a mentir e trair a confiança, em relações importantes?

É possível que as respostas para tais perguntas ajudem a ver o impacto que um segredo produz, além de poder contribuir na decisão da maneira de se mudar, cuidadosamente, a situação. Quando ele nos pertence, não precisamos de permissão de ninguém para clareá-lo; caso contrário, traz consigo o sinal de que estamos envolvidos em uma rede de relações que devem ser revisadas. Portanto, espera-se que, uma pessoa, ao decidir revelá-lo, esteja consciente sobre as modificações familiares que se darão a partir disso, bem como preparada, o melhor possível, para enfrentar uma provável crise: planejar com tempo, conseguir apoio, antecipar as possíveis reações e refletir sobre as próprias respostas.

4 O SEGREDO FAMILIAR NA ADOÇÃO

4.1 O processo de adoção

Diferentemente da raiz latina adoptione, que significa “optar, escolher”, em ucraniano a palavra para adoção é usenovete, que significa “tornar filho”. De fato, o significado é muito mais correto e próximo da verdade: na adoção verdadeira, o que acontece é transformar uma pessoa que não tem o mesmo sangue, em filho. Os laços de sangue perdem a importância e são construídos laços de ternura, laços de amor. (WEBER, 2004, p.132)

Segundo Polity, (2005, p.6)

freqüentemente, a adoção está associada a situações geradoras de conflitos ou dificuldades, não apenas pelo senso comum, mas às vezes, até por profissionais da área de saúde ou do meio científico. Apesar de o tema ser tão antigo e de estar presente ao longo da história da humanidade, como na Bíblia ou nos mitos gregos (como é o caso de Hércules), esta modalidade de constituição familiar ainda continua envolta em preconceito e discriminação

Para Weber, (2004, p. 57)

É no contexto de pobreza de parte do Brasil que encontramos a maioria dos casos de abandono de crianças: o abandono pela negligência, ou o abandono nas ruas, nos lixos, nas maternidades e em instituições. No Brasil o fenômeno está fortemente associado à proibição legal do aborto, à miséria, à falta de esclarecimento à população, à condenação pelo filho “ilegítimo” Uma pesquisa que a autora realizou com crianças adotadas em uma instituição durante o período de um ano verificou que 75% das crianças tinham sido abandonadas pela mãe em locais públicos. A maioria das mães abandonou seu filho já na maternidade e desapareceu, comprovando ser esta a prática mais comum em casos de abandono. Outras abandonaram seus bebês em uma capela, no lixo, no banco da maternidade e uma pediu para um passageiro de um ônibus segurar o bebê e aproveitou esse momento para descer do ônibus sozinha. Apenas uma mãe entregou a criança para adoção logo após o nascimento no Juizado da Infância e da Juventude. Outra pesquisa revela que a maioria das crianças abandonadas ou entregues para adoção eram filhas de mães solteiras que alegaram não poder contar com o apoio do progenitor e ter dificuldades financeiras para manterem a criança consigo; a maioria destas mães tinha idade entre 15 e 20 anos e trabalhava como empregada doméstica. É preciso lembrar que, apesar de ser o aborto ilegal no Brasil, os relatos de médicos que trabalham em Pronto Socorros de hospitais públicos comprovam as trágicas tentativas de abortamento que estas mulheres tentam fazer. Pode-se dizer que a maioria delas, especialmente aquelas que colocam o bebê em

risco absoluto após o nascimento, (lixo, rua ...), tentaram de todas as formas possíveis realizar um aborto. Provavelmente o abandono do seu bebê seja o fracasso de uma interrupção voluntária da gravidez. Grávidas com um poder aquisitivo um pouquinho maior, fazem abortos clandestinos facilmente. O Ministério da Saúde calcula que existam até 2 milhões de abortos clandestinos.

A gravidez, muitas vezes, é um problema e, para sua solução propuseram-se múltiplas alternativas: o aborto, o cuidar do filho ou, a possibilidade de entrega para adoção. Nessas difíceis circunstâncias, uma terapia pode orientar à futura mãe na escolha da melhor maneira, com o apoio necessário.

No caso da opção por adoção, existem instituições especializadas, profissionais como: psicólogos, assistentes sociais, terapeutas familiares, advogados e médicos, que oferecem experiência que permite apoiar mães, antes e depois da entrega da criança. O curioso é que mais da metade das mães, que solicitam tais serviços, incluindo o apoio psicológico, terminam ficando com seus filhos biológicos, ainda que a idéia original fora entregá-los para adoção.

Por outro lado, a maioria dos pais adotivos chega à decisão de adotar depois de um longo período de grandes esforços por ter filhos seus próprios filhos, com tratamentos custosos, sob o aspecto emocional, biológico e econômico. O sofrimento da infertilidade produzido pela frustração de não ter o filho desejado, muitas vezes, objetivo final da vida em comum, a desvalorização por sofrer de um impedimento biológico e a culpa por não poder fazer feliz o seu par, a impotência, a raiva e a lástima pelo que não é fértil são sentimentos e realidades que os pais adotivos podem assumir. Esses aspectos devem ser conversados e devidamente refletidos pelo casal e individualmente, muitas vezes com a ajuda de especialistas antes ou durante o processo da adoção.

Cada um dos pais adotivos, não tendo resolvido seu luto, pode sofrer conseqüências negativas, afetando a todos

Normalmente, as famílias, sejam adotivas, ou não, apresentam semelhanças entre si: a qualidade do vínculo filial, o processo e a qualidade da afeição, o sentimento de pertencimento, o sentimento de posse mútua, o cumprimento de papéis, as ambivalências etc. — um objetivo de desenvolvimento de cada um de seus membros.

A família adotiva tem características próprias: habitualmente, não há laços de consangüinidade, mas, há, em muitas ocasiões, uma história de infertilidade, o que pode constituir motivo de dor; não tem um patrimônio genético comum; é composta por uma tríade: pais biológicos, pais adotivos e a criança, comparando-se com uma família

biológica, onde normalmente existem pais e filhos biológicos. Por isso, muitas vezes, o processo de chegar a ser pais adotivos é longo, sujeito a novos exames, em que ocorrem questionamentos por diferentes profissionais e muito stress.

É importante salientar que, em muitas ocasiões, poderemos identificar, com maior ou menor peso, “o fantasma dos pais biológicos”, fato que traz a possibilidade de gerar, ou não, patologia, na medida da elaboração do que o casal tenha realizado e dos motivos pelos quais tenha adotado.

Diferente da família biológica que se prepara e espera para chegar à paternidade, a família adotiva recebe, em geral, abruptamente, o filho tão esperado. A sociedade, normalmente geralmente, vê os pais biológicos como idôneos quanto à fertilidade e efeitos posteriores. Quanto aos pais adotivos, sua idoneidade deve ser comprovada, o que muitas vezes gera um processo longo e doloroso trazendo angústia, temor, medo, frustração e insegurança.

Com a chegada do filho a casa, os pais adotivos conseguem essa felicidade, normalmente compartilhada pelos familiares e amigos, mas muitas vezes, também, com os problemas emocionais e físicos trazidos com a criança como: depressão, ansiedade, subnutrição, problemas de saúde, ou mesmo o luto decorrente da separação de mãe e filho.

Weber (2004, p. 102, 103 e 105)

Os mitos e estereótipos cultivados pelo senso comum geralmente têm pouco fundamento e vêm de todo um processo histórico onde a adoção, ou estava cercada de preconceitos, ou de lendas, heróis e salvadores do mundo, tanto pais quanto filhos.

Na verdade, as pesquisas mostram que as pessoas, em sua maioria, adotam crianças exatamente pelas mesmas razões que têm filhos biológicos. As pessoas querem uma criança, querem dar e receber amor, querem ter uma família.

Quando a relação é verdadeira ela se constrói sobre bases seguras e os obstáculos podem ser ultrapassados. Motta (1977) nos revela que “ajuda muito se os pais adotivos forem lembrados que a realidade biológica da concepção e nascimento de seu filho não é a única, nem a causa direta de sua ligação emocional e de que esta resulta da atenção cotidiana às suas necessidades de cuidados físicos, alimentação, conforto, afeto e estímulo. Somente os pais que atendam a essas necessidades construirão um relacionamento psicológico com a criança e, desta maneira, se tornam seus pais psicológicos sob cujos cuidados ela pode sentir-se valorizada e querida”.

A maioria dos pais adotivos brasileiros adotam porque não “podem ter filhos”. Aqueles que têm filhos biológicos, adotam para “ajudar a criança”, “ajudar um parente com dificuldades”, acaso, quando “a criança aparece em suas vidas” e ainda “por simplesmente querer adotar”. Acham que o fator principal para que uma adoção tenha êxito é “dar muito amor e carinho”. A maioria absoluta dos pais entrevistados consideram muito bom o desempenho escolar do(s) seu(s) filho(s), falam deles com características positivas, consideram ótimo o relacionamento com seu(s) filho(s), não encontram dificuldades em sua educação, nem no relacionamento afetivo, acreditam que é possível gostar da mesma maneira dos filhos adotivos e biológicos e aconselham outros casais a adotar.

Temos que lembrar que relações afetivas não são sempre fáceis e perfeitas, e se assim o fosse, seriam verdadeiras? Alguns comportamentos apresentados como negativos nos relacionamentos de pais e filhos adotivos estão presentes, da mesma forma, nos relacionamentos de pais e filhos biológicos. Existe alguma relação perfeita? E o que seria uma relação perfeita? Na verdade, todos têm problemas, e o mais importante não é ter problemas, mas saber como lidar com eles. Como escreveu Maldonado (1994, p.95):

“No cotidiano, não existe nenhuma família ideal, sem problemas, sem conflitos. Como diz Caetano Veloso, em Vaca Profana, “de perto ninguém é normal”. Cada família precisará enfrentar suas dificuldades e atravessar perdas, além de usufruir os bons momentos do estar juntos e os períodos de maior tranquilidade”.

Como quesito ilustrativo, achei interessante apresentar o poema de Márcia Lopes de Carvalho (WEBER, 2004, p. 67):

FILHO PERFEITO

Te imaginei sorrindo,

Te imaginei cantando,

Te imaginei chorando,

Chamando mamãe.

Te imaginei os abraços,

Te imaginei os beijos,

Te imaginei ralhando,

Chamando mamãe.

Te sonhei perfeito, altivo, elegante,

Te sonhei seguro, inteligente, capaz.

Te sonhei menino, te sonhei rapaz.

Quando chegaste, ó maravilhosa realidade!

Burlamos a natureza,

Enfim éramos mãe e filho!
Mas espera....
Te percebi de outra cor,
Te percebi estranho,
Te percebi de outra raça e tamanho.
Te percebi com dor,
Te percebi diferente,
Te percebi carente e doente.
Desse dia, filho, tu sabes, já se passam vários anos
E eu ainda bendigo humildemente
A maravilhosa realidade que te trouxe
E depois de tantas jornadas
Para que algum som saísse dos teus lábios
O único som que ouço é um grito
Chamando mamãe!

4.2 A Terapia trabalhando os segredos nos casos de adoção

Como terapeuta, sinto que é importante construir, com a família, narrativas que dêem conta sobre a necessidade de se revelar, ou não, a verdade. Não obstante, penso também ser necessário aliar-se com a “boa intenção” do segredo, que cumpre uma função, visto que se cria para proteger-se, ou proteger a outros, da dor, da culpa, do horror, da vergonha ou do abandono. É importante mostrar aos pacientes que essas mesmas boas intenções podem ser feitas através de outras estratégias.

Podem existir vários lutos a serem elaborados pelas pessoas que adotam: luto pela infertilidade, pelo filho sonhado e pelos filhos adotados — os lutos por não serem filhos biológicos, pelo abandono da família de origem, entre outros.

Muitas vezes, o terapeuta deverá acompanhar cada um desses lutos e os de quem, por diferentes circunstâncias, deve decidir ou decidiu desfazer-se de seus filhos, ou, dos adotantes, que deverão assumir ou assumiram o poder de ser mãe e pai e dos adotivos, que tiveram ou têm que interromper os vínculos estabelecidos uma e outra vez.

Para Weber (2004, p. 130)

o processo de “luto” é muito individual: pode tanto levar anos para ser resolvido, como instantes. Não é verdade que a criança que foi adotada carregará para

sempre a imagem do abandono. Os relatos mostram que isso pode ser resolvido em muito pouco tempo e, às vezes, muito facilmente, e tem correlação direta com a maneira verdadeira em que a família adotiva lhe revela a sua origem e lida com a questão. A dinâmica familiar saudável, tanto de famílias compostas pela biologia, como aquelas originadas pela adoção independe da contingência como foram formadas. Os processos mais eficazes em relação à dinâmica familiar parecem ser exatamente aqueles em que os personagens preferem enfatizar o “encontro” e não a falta ou o abandono, tanto em famílias adotivas quanto nas biológicas

O papel da terapia familiar não é impor a verdade, mas, mostrar a um casal de pais adotivos, que é justamente porque eles desejam proteger seu filho, que é necessário que lhe dêem informação sobre sua história, ajudar a família a encontrar o melhor caminho para essa revelação, pontuando que ao contar-lhe, o sistema será perturbado e, com isso, o custo-emocional desse peso. Considero que, como terapeutas, devemos promover, na família, o uso de seus recursos e a compreensão sobre as vantagens de viver sem a mordada dos segredos.

Todo secreto gera desconfiança, o que é uma das razões mais potentes para incentivarmos o uso da transparência. Se um menino, ou menina, descobre sobre sua adoção, ou conhece tardiamente, pode chegar a sofrer um choque muitas vezes de difícil elaboração, pois toda sua estrutura cambaleia, seu mundo vem abaixo e as pessoas em quem confiou passam a ser questionadas. Os efeitos podem ser catastróficos para o desenvolvimento da personalidade da criança ou jovem, ao mesmo tempo em que causam obstáculos à capacidade de voltar a confiar nos que o rodeiam. Se as pessoas mais significativas de sua vida lhe mentiram com respeito a suas origens por que não podem ter outras verdades ocultas? Ou, o que lhes impede de voltar a mentir? Abrir o segredo implica aceitar o filho com todo seu passado e amá-lo com todas as suas singularidades.

Com respeito a esse ponto, muitas vezes em terapia, observa-se que a algumas famílias custa aceitar a origem do filho adotivo, de um meio social pobre, que pode manifestar-se na diferença de traços físicos e/ou nos comportamentos diferentemente do grupo sociocultural dos adotantes, o que não põe em questão sua qualidade e muito menos o seu valor. Abrindo o segredo perante a sociedade e o filho, é possível que este interprete como aceitação plena dos pais, independente das diferenças de cor, raça, visto já que, normalmente, tudo o que é vivido como bom, em nossa sociedade, não é ocultado.

Cabe assinalar que, nessas terapias, os pais adotivos costumam perguntar quando revelar, como, em que momento ou situações, e é necessária a orientação a respeito da

utilidade da literatura sobre o tema, do compartilhar experiências com pessoas que viveram o mesmo que elas, ou alternativas que os ajudem a enfrentar, da melhor maneira possível, o processo de revelação.

Normalmente, se desde sua primeira infância o filho familiariza-se com o conceito de adoção, no futuro, menor será a possibilidade de condutas destrutivas ou de alguma psicopatologia.

É importante salientar o papel preventivo da terapia, no sentido de constituir um espaço onde os pais tenham liberdade para falar abertamente, expressar as dúvidas, ao mesmo tempo em que se previne o casal de adotantes, de menino ou de menina, a respeito dos desafios que eles poderão enfrentar no futuro.

5 AS TEORIAS QUE (IN)FORMAM A PRÁTICA

Considerarei importante registrar os autores com quem eu conversei e que me deram suporte para o olhar do meu trabalho clínico e as ressonâncias sentidas em meu percurso pessoal.

5.1 Paul Watzlawick

Com os textos “O olhar do Observador” – através da auto-referência do observador, da subjetividade em função de experiências pessoais, a realidade exterior, objetiva e estabelecida será uma conseqüência do modo como o observador BUSCA a realidade. O observador transforma o observado E o observado também transforma o observador. Todo o observador é participante. – e “Profecias que se Auto Cumprem”, passei a sentir-me mais livre, em relação à vida, pois, anteriormente, vivia buscando o ser correta, ser perfeita, acreditando que sempre existia uma verdade única.

A partir do “Nada é absoluto, tudo é relativo”, ficou muito mais tranqüilo entender as diferenças, estabelecer as relações e, principalmente, tomar conhecimento de que o olhar do observador é que determina a realidade, que ela só é uma realidade se minha auto-referência (dentro da subjetividade) assimilada e compreendida em função de experiências pessoais, acreditar nela. Consegui, ou melhor, estou conseguindo ampliar, e muito, minhas possibilidades, questionando “as verdades eternas”, transformando minhas definições, através dos instrumentos que estão sendo apresentados. Conceitos, interpretações, afirmações, reflexões, a importância de saber perguntar, estão facilitando o meu olhar observador.

Acredito que “tudo” agora é importante. Estou, cada vez mais, tentando ver através do olhar do outro, como o outro organizou aquele mundo, tendo mais humildade de ouvir e entender, transformando e ampliando, construindo relações de identificação e estabelecendo trocas.

5.2 Tom Andersen

Quando o supervisor do terceiro ano introduziu as idéias de Tom Andersen, minha primeira reação foi achar que esse tipo de atendimento seria uma “loucura”, mas tive que dar a “mão à palmatória”, pois cada sessão provou que meu pensamento continuava

linear, precisando ser mais aberto, e que essa alternativa é muito poderosa e enriquece o processo terapêutico. Com esse tipo de estratégia, pude presenciar diálogos maravilhosos, compreensões alternativas que ampliaram as possibilidades de mudança. Esse autor fez-me vivenciar que a criatividade em um atendimento modifica a maneira de pensar e de colocar em prática as idéias sistêmicas, visto que elas mudam com o passar do tempo e com as diferenças culturais. Foi um modo de trabalhar bem distinto do usual, pois a relação com a família tornou-se bastante especial, não mais tradicional.

E, consegui entender melhor a frase de Bateson (1986) que dizia: “A diferença que faz diferença” ou ainda, sempre existe mais a se ver daquilo que é visto por alguém, pois há uma grande possibilidade de mais pessoas fazerem pontuações diferentes de uma mesma situação, que pode tornar-se muitas realidades.

Tive a sorte de conhecê-lo em um *workshop* no Colégio Vera Cruz, no Alto de Pinheiros, em São Paulo, e fiquei muito triste, quando soube de sua morte, em 16 de maio passado, na cidade de Oslo, na Noruega. Através dos processos reflexivos e de sua proposta de equipes de reflexão, introduziu uma alternativa riquíssima nos nossos atendimentos. Concordo com Cruz ¹ que disse: “Ele está lá do outro lado, quando trocamos as luzes na sala de espelho. Só precisamos fazer silêncio, para ouvir sua voz.” Fiz meu atendimento no primeiro semestre do terceiro ano. Foi uma experiência incrível. Já estava atendendo no Centro de Estudo e Assistência à Família ,(CEAF), e participando da clínica social, mas nunca havia vivenciado atendimentos com equipe reflexiva.

5.3 John Bowlby

Esse autor teve um papel muito importante no meu processo de formação. A Professora Gilda Castanho Franco Montoro, através de sua paixão por ele, transformou-me em sua pupila. Comprei a trilogia: Apego, Separação e Perda, Cuidados Maternos e Saúde Mental e passei a ler vários textos de autoria dele e dela

Durante o curso, introduzi vários autores como referência, mas foi Bowlby quem primeiro me marcou. Nasceu em 1907 e morreu em 1991. Após graduar-se em Psicologia do Desenvolvimento, trabalhou numa escola para crianças desajustadas,

1 Jornal do Instituto Familiaie,São Paulo 2007),

vindas de lares com problemas graves. Essa prática foi tão marcante que norteou sua decisão de se tornar psiquiatra infantil.

Com as experiências como assessor da Organização Mundial da Saúde (OMS), na área da saúde mental, começou a interessar-se e a pesquisar, juntamente com James Robertson, sobre os efeitos da privação da figura materna para a saúde mental das crianças entre 2 e 4 anos, observadas antes, durante e depois da separação de suas mães, com quem recomendava entrevistas, já num artigo de 1940. Bowlby rompeu alguns tabus e foi um dos precursores de terapia de família.

Um pressuposto, largamente aceito, diz respeito à ligação do bebê com sua mãe, por ser essa a fonte de satisfação de suas necessidades biológicas, ou insatisfação e frustração, geradoras de patologias observáveis, quando do processo de análise do indivíduo adulto. O estabelecimento de um modelo de apego seguro ou inseguro fornece a base para a formação de um modelo funcional interno, uma lente a partir da qual o indivíduo vai ver o mundo e a si próprio.

A construção da Teoria do Apego, embora na essência tenha sido concebida por Bowlby, recebeu a contribuição de inúmeros estudiosos e pesquisadores, que identificaram três padrões diferentes de apego: seguro, ansioso evitador e ansioso ambivalente.

Através de meu interesse por essa teoria, consegui ficar mais tranqüila quanto à educação de minhas filhas gêmeas, que foram adotadas com 1 ano e 11 meses. No princípio, desesperiei-me, pois a maioria das pesquisas sobre apego e vínculo afetivo, concentra-se na primeira infância e nas primeiras relações mãe-filho, mas, depois percebi que, construindo um apego seguro, elas poderiam desenvolver expectativas positivas, em relação ao mundo, acreditando na possibilidade de satisfação de suas necessidades e que as experiências vividas no passado poderiam ser menos traumáticas. Entendi, também, que deveria diminuir meu grau de expectativa, tendo em vista, que apesar de as primeiras construções ser extremamente importantes, poderiam reorganizar-se com um trabalho interno de cada uma.

5.4 Edgar Morin

Esteves De Vasconcelos (2003, p 34) aponta que Edgar Morin, em seu livro *Introdução ao Pensamento Complexo*, considera que

os paradigmas são princípios “supralógicos” de organização do pensamento, princípios ocultos que governam nossa visão do mundo, que controlam a lógica de nossos discursos, que comandam nossa seleção de dados significativos e nossa recusa dos não significativos, sem que tenhamos consciência disso.

O que mais trouxe clareza foi o fato de saber que o ser humano sempre tem a capacidade de se auto-reparar e se autotransformar. Foi e está sendo muito bom saber que não preciso jogar fora muitos pensamentos racionais, e sim que posso integrá-los, tecer juntos., como lembra Izabel Cristina Petraglia (2000), citando Morin (1980, p14):

Morin entende a complexidade como um tipo de pensamento que não separa, mas une e busca as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida humana. Trata-se de um pensamento que integra os diferentes modos de pensar, opondo-se aos mecanismos reducionistas, simplificadores e disjuntivos. Esse pensamento considera todas as influências recebidas, internas e externas, e ainda enfrenta a incerteza e a contradição, sem deixar de conviver com a solidariedade dos fenômenos existentes. Enfatiza o problema e não a questão que tem uma solução linear. Como o homem, um ser complexo, o pensamento também assim se apresenta.

A Si-cibernética, a cibernética em sua terceira evolução, incorpora a intersubjetividade. Ao avaliar a aplicabilidade da Teoria Cibernética para os sistemas antropossociais, Esteves De Vasconcelos (2003, p.245) afirma que

Morin, além de reconhecer suas vantagens, aponta também seus limites. O prefixo “si” é elemento da preposição grega sun – “com, estar junto” – que marca a idéia de obrigação recíproca entre as partes. Ao fazermos essa ultrapassagem, atingiríamos uma Si-Cibernética mais abrangente e integradora, permitindo-nos resgatar e integrar a Cibernética com suas vantagens, porém agora tendo um olhar novo sobre ela.

Com esse novo olhar, com o conceito de complexidade, onde a relação entre o sujeito que conhece o objeto que é conhecido, o objeto, ou o individuo em contexto, a visão da totalidade através de um sistema não pode ser considerada como a soma de suas partes. O todo é MAIS do que a soma de suas partes contribuiu muito, ampliou minha curiosidade. Com esse conceito, passei a entender que o ser humano é único, mas faz parte do todo, sempre em movimento, criando e recriando sistemas. O conceito de E, isto é, somar/acrescentar é sedutor, pois como não conheço a resposta a respeito do movimento de construção do significado de cada individuo, preciso saber perguntar e provocar, para satisfazer minha curiosidade.

Através do conceito de complexidade, consigo relaxar, sabendo que o pensamento linear anterior pode ser integrado ao pensamento circular

.De acordo com Morin (1997, p.266),

a complexidade não é tudo, não é a totalidade do real, mas é o que melhor pode, ao mesmo tempo, se abrir ao inteligível e revelar o inexplicável [...]. O pensamento complexo não esgota a surpresa. Vivo me surpreendendo.[...] uma surpresa da consciência despertando para o desconhecido do conhecido e descobrindo que quanto mais evidente é o conhecido, mais profundo é seu desconhecido

Tudo me surpreende, sempre, cada vez mais. Estar aqui, viver, morrer, ver as caras na rua, olhar minha gata que me olha (...) Tudo é inacreditável [...] Minha consciência surpreende-se com o fato que eu seja um ser físico, uma máquina, um autômato, um possuído e ela se surpreende com o fato de ser consciente no meio de tanta inconsciência.

5.5 Mony Elkaim

Esse foi o autor com quem mais me identifiquei. Talvez, porque seus conceitos fazem sentido em minha história, principalmente nos “ciclos constituídos por duplos vínculos recíprocos: uma pessoa pede à outra alguma coisa que ela simultaneamente espera e que não chega a crer possível”.(ELKAIM, 1989, p. 16). Foi incrível quando descobri que “a resposta de cada membro do casal, não importa qual seja, só poderá ser insuficiente, visto que responderá a apenas um único nível do duplo vínculo.” (Op. cit, 16.).

Para minha formação, foi muito significativa e clinicamente útil a afirmação de Elkaim (Op. cit, p. 186 e 187)

Muito frequentemente, o terapeuta sistêmico está tão absorvido por sua busca de uma compreensão circular do sintoma apresentado, que ele esquece de levar em consideração os sentimentos de desqualificação que pode ter a pessoa a quem ele se dirige. Uma situação descrita por Heinz von Foerster em seu artigo “La construction d’une réalité” atesta a importância de uma possibilidade suplementar. “O paciente não vê que ele não vê. E, enquanto ele não vê que não vê, ele não pode explorar novas possibilidades nem encontrar soluções para seu problema. Apenas quando ele vir que não vê é que um outro destino poderá surgir. A terapia, nesse sentido, poderia ser tida como um processo que consiste em ajudar alguém a ver que não vê e a se apoiar precisamente nesse limite para se abrir a novos possíveis”. Outro aspecto importante foi que consegui conhecer melhor através da contradição existente entre os dois níveis de expectativas dos elementos que estruturam o duplo vínculo, ou seja, o “Programa Oficial” (a demanda explícita de cada membro de um casal ou família – o que cada um deseja ou diz que deseja) e o “Mapa do Mundo

ou Construção do Mundo” (mapas construídos a partir de experiências anteriores – crenças obtidas e que ficaram no inconsciente).

Na minha história, pude entrar em contato com os motivos das minhas doenças ginecológicas, problemas sexuais, que até então, pareciam “azares” ou dificuldades físicas ou orgânicas.

Esse autor trouxe uma grande diferença nos meus atendimentos, pois pude e posso questionar a função das construções do real para os sistemas em ressonância nos quais elas emergem. O autor escolheu como método, ampliar o campo do possível, para estudar a mudança nos sistemas familiares, e isso me ajudou e me ajuda nos atendimentos clínicos.

O conceito de ressonância, que “manifesta-se em uma situação onde a mesma regra aplica-se ao mesmo tempo à família do paciente, à família de origem do terapeuta, à instituição onde é recebido o paciente, ao grupo de supervisão, etc.” (Op.cit, p.17) fez com que meu pensamento evoluísse e, pouco a pouco, percebesse como a auto-referência pode apresentar-se como uma vantagem para o terapeuta, em vez de um prejuízo. Esse aprendizado ampliou e facilitou meus atendimentos conjugais e de família.

“Qualquer situação na vida é auto-referencial”. Em sua obra, Elkaim apresentou o aspecto auto-referencial de um terapeuta, por ser membro de um sistema em que participa pelo simples ato de descrevê-lo. Novas ferramentas foram criadas, para transformar em trunfo o que poderia ser enfocado como uma desvantagem. A auto-referência é vista como a interrogação do terapeuta sobre o que pode fazer, a partir de uma experiência que lhe diz respeito, no momento em que está prestes a descrever uma realidade.

Durante muito tempo, tive a impressão de que o importante era que o observador não contaminasse, com suas propriedades, o que ele queria observar. Ora, nesse contexto, não podemos separar nossas características daquilo que observamos. Esse é o paradoxo que se apresenta, o problema que nos faz apelar à auto-referência, que surge em uma intersecção entre seu meio e nós mesmos. Com isso, o autor leva-me a concluir que o observador é participante, ou seja, faz parte do grupo, transforma o observado, que, por sua vez, transforma o observador

Foi e está sendo de grande ajuda, o fato de saber que, entre o passado e o presente, há um vínculo, que não é de causa e efeito, mas semelhante àquele que existe entre os diferentes elementos que compõem um coquetel — cada um participa, mas nenhum é a causa do gosto dele.

O fato de o passado ter importância significa que é um dos fatores que atuam, não a causa única, por exemplo: se mudarmos um dos componentes do coquetel, terá outro gosto; uma situação terapêutica pode modificar-se sem que, necessariamente, tenhamos de agir unicamente sobre o eixo do passado. Isso ampliou e facilitou muito minhas descobertas pessoais e está sendo de grande ajuda, na minha prática terapêutica.

6 EM FRENTE AO ESPELHO - O ATENDIMENTO CLÍNICO

Meu primeiro caso clínico, foi no primeiro semestre do terceiro ano, em 2004. Tive o prazer de dividir essa experiência com minha amiga e co-terapeuta Marjorie Carbone, uma grande companheira, com quem pude dividir meus momentos de desafios, alegrias e dificuldades. Contamos, também, com a participação da equipe reflexiva.

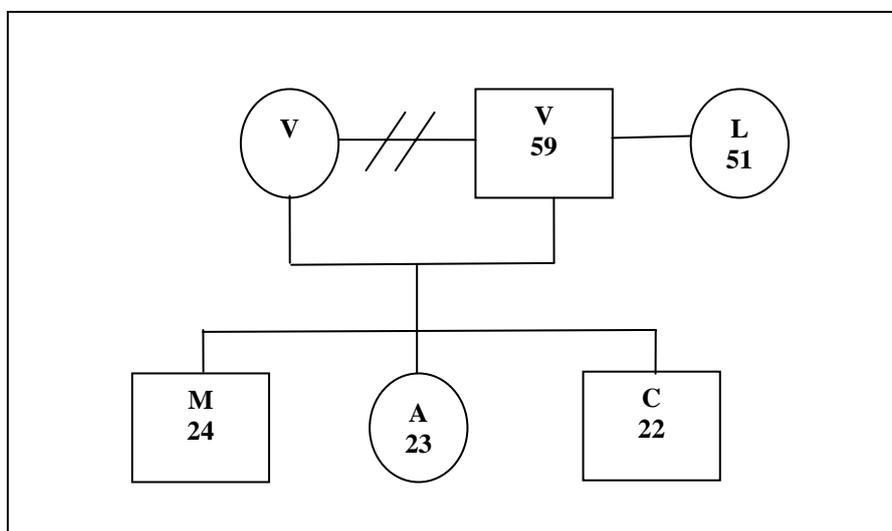
Os atendimentos foram acompanhados, em supervisão, nas 8 primeiras sessões, pelo Professor Dílson César Marum Gusmão e as sessões seguintes pela Professora Doutora Elizabeth Polity.

A família foi buscar atendimento no Sistemas Humanos, por indicação da Dra. Maria Genoveva Armelin e participou de 31 sessões. Para preservar o sigilo e impedir que as pessoas pudessem ser identificadas, seus nomes não foram mencionados .

A esposa, **L.**, entrou em contato com a escola, procurando ajuda para o marido **V.** e os filhos dele, pois queria que eles conseguissem resolver problemas do passado e que toda a família pudesse dialogar mais e conviver melhor.

Na primeira sessão, **V.** disse que, para ele, o fundamental na terapia era melhorar o relacionamento entre **A.** e **L.**, pois a filha estava faltando com respeito e desestruturando o meio familiar.

Logo nos primeiros atendimentos, construímos algumas hipóteses sobre o funcionamento da família. Existiam triângulos, havia exclusão de alguns membros, alcoolismo, violência, traição e infidelidade, que geravam sentimentos de raiva, decepção, angústia e medo de sentir dor novamente.



L. é secretária executiva, contou que o pai, durante a gravidez da quarta filha, abandonou a mãe, que trabalhava como doméstica e trazia, da casa da patroa, a sobra de alimentos para os filhos que estavam sempre limpinhos, mesmo com sapatos, meias e roupas ganhos e, muitas vezes, precisavam passar períodos na casa de outras pessoas havendo, mesmo, uma época em que chegaram a morar em um orfanato. Quando tinha 10 anos, voltaram para a cidade de origem e foram morar com a avó materna, durante 2 ou 3 anos. A mãe casou-se novamente com um viúvo, com 4 filhos e teve mais uma filha.

L. começou a trabalhar com 11 anos e, aos 18, veio para São Paulo, morar na casa de tios avós, pois não se dava com o padrasto. Depois de algum tempo, montou um apartamento e chamou para morar com ela, a irmã mais nova do primeiro casamento e o irmão, que rejeitava o padrasto e havia sido colocado em um seminário, onde denunciou um padre, que acabou sendo expulso, porque molestava garotos e morto, em seguida, com câncer. Depois disso, seu irmão sentindo-se culpado pela morte do padre, desenvolveu uma esquizofrenia crônica, permanecendo durante 8 anos em hospitais psiquiátricos. Passou a freqüentar a religião espírita e, apesar de ser inteligente, jamais conseguiu trabalhar. Na época do atendimento, morava, há mais ou menos 7 anos, com uma moça e tinha uma filha. Sempre foi sustentado pela família e, quando desafiado, muitas vezes se torna violento. A mãe ficou viúva e mora com a filha do novo casamento.

O casal estava junto há 10 anos. Ele ficou casado, com a primeira esposa, durante 21 anos. **A.** estava há 9 anos morando com eles, **M.** há 6 anos e **C.** há 7 anos e meio. **V.** estava desempregado e era **L.** quem sustentava a casa.

A. parou no 1º ano de educação física, porque não deu para continuar pagando o curso. Chegou, contando que achava que foi por sua causa que os pais se separaram, porque ela era muito apegada ao pai e causava ciúmes à mãe. Na época da separação, com 10, quase 11 anos, já pensava que o pai estava com **L.**

M. estava no 2º semestre de Gestão Ambiental, fazia engenharia e parou o curso. Contou, na primeira sessão, que o pai era alcoólatra, que batia na mãe e na irmã e que todos presenciavam, que a irmã arrumava muita encrenca na escola, que o irmão era gago por causa dessas conturbações em casa e vivia arrumando briga no colégio e ele tentava defender os dois, mas também acabava apanhando. Disse que o pai saiu de casa depois de uma briga com a mãe, ocasião em que acabou batendo no pai e, por isso também se julgava culpado pela separação. **M.** tinha certeza que o pai já estava com **L.**

na época da separação. Sempre foi muito apegado à mãe e permaneceu, por muito tempo, como pombo-correio do casal, e, ainda, que não se conformava de eles terem gasto tanto dinheiro com processos judiciais, em vez de usar para pagamento de colégios para os filhos, pois o pai ainda pagava dívida do colégio de **C.** e de **A.**

L. contou que, depois da separação, **V.** ficou quase 3 anos sem conversar com os filhos, nem mesmo respeitou as visitas determinadas pelo juiz, e que ele sofreu muito, pois só os encontrava, quando iam pedir dinheiro, ou levar roupa suja para lavar. Mesmo assim, nunca deixou de mandar a pensão alimentícia, de pagar o clube, os planos médicos, os remédios e as mensalidades das escolas, antes até de ele ir à justiça regulamentar a situação.

Desde os 15 anos, **M.** começou a trabalhar e foi, durante um bom tempo, usuário de maconha.

C., no começo do atendimento, trabalhava e estudava marketing. Contou que a mãe deles já estava com um novo relacionamento.

V. disse que os filhos eram mais próximos dele antes do novo casamento e o filho **M.** justificou, dizendo que o pai ficou “bem mais careta” depois de casado.

L. falou que, anteriormente, eles já viviam “em pé de guerra”, que **A.** fugiu de casa, porque a mãe batia nela. **V.** e a ex-mulher não se falavam desde a separação

Durante os atendimentos, **V.** sempre minimizava os problemas, achava que todos foram para a terapia para “ajudar **A.**”.

O casal tomava cerveja todos os dias e, muitas vezes, **C.** acompanhava-os.

Os filhos queixaram-se de que **L.** sempre interferia em todos os assuntos e que tinham coisas que preferiam falar só com o pai, e, por isso, acabavam isolando-se.

Na época, **L.** contou que se sentia como uma peça fora do jogo.

No terceiro atendimento, com a família completa, já ficamos em dúvida se os filhos eram adotados, ou não, e que havia segredos que não podiam ser contados. **V.** sempre foi uma pessoa sedutora e gostava de ficar com os filhos montados no seu ombro, legitimando-os e deixando-os poderosos.

A queixa da família, nesse momento, era a dificuldade de relacionamento entre eles e o problema do **M.** com maconha.

V. disse que cada um tinha um horário para chegar, que a casa onde eles moravam mais parecia uma república e só ficava tranqüilo, quando apagava a luz de fora, passava a tranca na porta e todo mundo estava junto.

A. contou que se relacionava melhor e tinha muita afinidade com **C.**, que o via de um jeito mais afetuoso, e que, se não fosse irmão, ela o namoraria, 24 horas por dia, não sairia de perto dele. Já com **M.**, tinha várias briguinhas, pois eram de gênio muito difícil e muito parecidos, gostavam de esportes, de coisas da área de saúde, detestavam cigarros e bebida alcoólica. Disse que **L.** sempre deu muita atenção e era carinhosa com todos.

M. disse que ele e **A.** vivem protegendo-se e que ela sempre poderia contar com ele.

C. afirmou que sabia dessa afeição de **A.**.

L. queixou-se de que não sabia como entrar e fazer parte dessa família, pensava que os filhos queriam trocar idéias com o pai, sem saber sua opinião, só a dele. Colocavam barreiras em relação a ela, que, segundo eles, só queria impor regras.

Já **M.** achava que **L.** não sabia diferenciar o individual do coletivo.

Nosso supervisor observou que todos estavam sozinhos e não se davam chances de serem felizes, não tinham assuntos coletivos e não deixavam claro em que momentos **L.** poderiam participar. Também pediu que acertassem, primeiro, as regras do cotidiano, motivo de muitas brigas do dia –a- dia e, depois, tentassem abrir espaços para **L.**, em momentos que a presença dela não os inibisse.

L. sabia que existiam assuntos que geravam polêmica, principalmente sobre os hábitos de higiene, ou quando não aceitava que os meninos trouxessem namoradas para dormir com eles. Contou também, que **M.** e **V.** discutiam muito e ela acabava intrometendo-se e que o casal não gostava de alguns amigos dele, pois eram os companheiros de maconha. **L.** e **V.**, apesar de fumar e beber cerveja, diziam que não aceitavam drogas ilícitas.

O supervisor pontuou que eles encontravam um padrão de relacionamento em que todos apontavam somente as falhas do outro e não o que cada um poderia modificar – a mágoa era o único sentimento que aparecia.

V. achava que o choque vinha do fato da predominância feminina na família de **L.**— lá os homens sempre foram minoria.

No quarto atendimento, chamamos apenas o casal, a fim de discutirmos a revelação do segredo da adoção e a continuidade da terapia, pois **L.** havia telefonado e contado que dois dos filhos eram adotados, **M.** e **A.**. Observamos que o segredo vinha sendo guardado principalmente pelo medo da perda dos filhos.

Decidimos continuar com o atendimento do casal, pois sentimos que a família estava muito ameaçada, com muitas culpas, exclusões, medos e segredos que dificultavam a

comunicação entre eles. Ficamos sabendo como e por que aconteceram as adoções: **V.** limitou-se a “querer os filhos” e tudo foi elaborado pela ex-esposa, que fez um processo cheio de mistérios e fantasias e que, talvez, tenha sido utilizado para tentar salvar a relação dos dois, já “detonada”. Sua única exigência foi que se ocultasse a adoção dos filhos, começando assim, o grande segredo cercado de medos. Contou-nos sobre a rejeição sofrida pelas crianças por parte dos avós paternos e que, ele mesmo foi um pai muito ausente, pois não suportava o ambiente da casa, só de brigas, em função de desconfianças e traições.

Nesse atendimento, entrou a equipe reflexiva representada por 4 colegas, que com muita delicadeza e emoção falaram sobre os pontos que mais as tocaram, tais como, a construção de um referencial, uma identidade, no meio de mentiras, segredos, lealdades, alusões a roubos, raptos, coisas ilegítimas, que dão culpas e medos, pacto entre pai e filhos, roubo como repetição ao furto da história de origem, dificuldade de inclusão, o significado da adoção, a dificuldade de lidar com a dor, com a angústia, com as dificuldades do outro, o pertencimento. Esse encontro trouxe muito acolhimento para a família.

Fizemos vários atendimentos com a entrada da equipe reflexiva e que, de uma maneira delicada, comprometida e acolhedora, ajudou-nos na procura de novas fontes de apoio, a fim de que o casal pudesse estar consciente das modificações familiares que se dariam a partir da decisão de se libertar do segredo.

Durante os atendimentos, percebemos que, para **V.** revelar o segredo, significava desmontar tudo, e que seria uma desilusão grande para os filhos.

Entendemos esses medos, quando soubemos que ele perdeu a mãe ainda bebê. Quando tinha 7 meses de idade, o pai casou-se novamente e foi criado por essa senhora, que ele acreditava ser sua mãe biológica. Ficou internado em uma escola “livre” (pois não era obrigado a ficar lá) e contou que isso foi um erro dos pais, o que não lhe fez bem, mesmo porque não era esse o procedimento com seu irmão, nascido desse novo casamento do seu pai. Sofria muito, pois da escola dava para ver sua casa ao longe e ficava, por grandes períodos, olhando-a com um binóculo. Só ficou sabendo oficialmente da verdade, quando tinha 18 anos, mas contou-nos que passou grande parte de sua vida sentindo-se culpado pela morte da mãe biológica, pois lhe disseram que, após o parto, ela foi ficando cada vez mais fraca e acabou morrendo. Foi um choque e não queria que os filhos sentissem a decepção que sentiu.

Quando questionamos sobre essa fantasia e sobre como achava que os filhos reagiriam com a revelação do segredo respondeu: “C. é explosivo e mete os pés na porta, seria o pior de todos para contar. A. se ajeitaria, M. partiria em busca de sua identidade e nos abandonaria.” (sic). Acabou concluindo que a mentira, no caso deles, era benéfica e salutar.

L. contou-nos que a mãe deles já havia contado a verdade para A. que, quando perguntou ao pai, ouviu que era “maluquice da mãe deles”.

Em um dos atendimentos, L. contou-nos que a partir do momento da terapia ter abordado o problema da adoção, V. entrou em pânico e que o casal estava desestruturando-se, pois cada vez que tocavam no assunto de contar, ou não, desentendiam-se e tinham discussões muito sérias. Achava que não conseguiriam a família que idealizavam, pois além de ela não ser a mãe, nunca seria aceita como uma pessoa da família, que até poderiam aceitá-la como mulher do pai, mas um carinho maior, não iria ter. Chegou a pensar em adotar uma criança, visto que os filhos de V. não queriam seu amor e sentia que sua casa era triste, não tinha a alegria da sua família de origem, não existiam brincadeiras entre eles. V. não concordou, disse que eram fechados, simplesmente,.

Perguntamos por que isso acontecia e V. disse que isso vinha da formação deles, onde “todo mundo tinha alguma coisa para esconder, ou não fazer parte, ou não contar” (sic) e que, fora de casa, todos eram comunicativos, ótimos comunicadores. Segundo ele, ser fechado era um problema estritamente domiciliar.

L. contou-nos que fez um aborto e apontamos que, talvez, fosse esse o motivo pelo qual ela não se dava o direito de ser feliz. Sempre foi uma lutadora, mas abria mão da própria felicidade.

A partir da nona sessão, já tendo cumprido a carga horária de atendimento exigida pelo curso, passamos a atendê-los em outro dia e horário, sem o acompanhamento da equipe reflexiva e da supervisão do Professor Dílson César Marum Gusmão, com a supervisão da Professora Doutora Elizabeth Polity.

Recomeçamos perguntando sobre o que eles gostariam de trabalhar e, novamente, veio a adoção.

Apontamos a dificuldade de eles acreditarem na força que tinham para suportar as contingências e superar as crises e falamos sobre quanto a verdade poderia libertá-los, sobre todas as simbologias trazidas sobre roubo, quem rouba, o que rouba.

Nessa nova etapa, trabalhamos o fato de **V.** exercer o papel de “pai troféu”, ou seja, a triangulação onde os filhos e **L.** disputavam o pai. Percebemos que existiam, nessa família, muitas dúvidas, que desqualificavam, desvalorizavam, paralisavam e que dificultavam a busca do conhecimento e apontamos como surgiam as questões da traição, do roubo, da crença, da confiança e da fé.

V. contou sobre a sua família de origem: sua mãe não era presente, não colocava no colo, não acompanhava as lições, não cobrava notas, mas, mesmo assim, achava que era boa mãe, gostava dele. Sobre o pai, disse que era um nazista, ditador, que uma vez ele até falsificou a caderneta escolar, não por sacanagem, só para não chateá-lo e que a educação dos filhos era em função do pai, que não permitia a participação da mãe, ele dava as ordens e ela obedecia. Os avós maternos (biológicos) costumavam dizer que se a mãe biológica estivesse viva e casada, as coisas não seriam só como o pai dele queria. Esses avós ficaram proibidos de qualquer contato com ele até os 18 anos dele.

V. contou-nos que jamais alguém se preocupou com ele, como uma namorada e três amigos que encontrou no Rio de Janeiro. Foram eles que o adaptaram à sociedade, ajudaram-no a vencer a timidez, ensinaram-no a jogar, a dançar, a conversar, enfim, todas as coisas boas que sabia.

A mãe de **L.** era presente. Deu o básico, mas os filhos sabiam que era seu jeito de amar, que mostrava, através da alimentação, da roupa em ordem, clarinha, limpinha, da casa bem cuidada para o bem - estar de todos. Conheciam suas dificuldades e mágoas causadas pelo abandono, com 4 filhos pequenos. **L.** sempre se sentiu, como o marido: um ponto de apoio.

V. disse que as famílias dos dois eram diferentes, pois na família da **L.** a palavra final sempre foi da mulher, ao contrário da casa dele, que sempre foi do homem. **L.** achava que os dois queriam colocar, em prática, nesse relacionamento, o modelo de educação recebida, mas poderiam negociar. **V.** discordava, pois dizia que, se tudo não fosse de acordo com a cartilha dela, era recebido como agressão.

Fizemos um levantamento dos atendimentos e apontamos que aconteceram várias mudanças: **V.** passou a trabalhar, **A.** estava morando com a mãe, no litoral, fazendo um curso de treinamento de cachorros, o casal não estava mais projetando nos outros os problemas, estava conversando mais sobre o próprio relacionamento, deixou aparecer mais as diferenças, **L.** estava olhando-SE mais.

Percebemos que ainda havia dificuldade de tocar em temas pessoais, da intimidade, sobre tristezas, mágoas, exclusão, solidão com medo de perder, preferindo manter uma

distância, que facilitava com que o círculo ficasse cada vez mais fechado. Continuava andando em espiral e os dois eram muito leais, cada vez um segurava o bastão, para imobilizar o sistema.

O casal passou alguns atendimentos falando sobre as dificuldades do relacionamento, mas sem saber como lidar com elas. Eles não se expressavam com o simbólico, apenas com concreto e , muitas vezes, não se percebiam, conseqüentemente, não viam o outro também, e não se respeitavam. Nesse estágio, a bebida aparecia cada vez com mais força e freqüência nas sessões.

Trouxeram que sentiam aumentar uma insegurança entre eles, e que **V.** achava que era bom haver umas cutucadas, sem efeitos colaterais, e um sentimento de provável perda, pois, muitas vezes, só segurança, em um relacionamento, poderia trazer um marasmo.

Pontuamos que as inseguranças vinham das incertezas, das não verdades que geravam desconfianças, zumbis, fantasmas. Apontamos que gostavam de fingir que eram pais verdadeiros, que não houve adoção, que não fazia diferença alguma sair sozinho, encontrar ex-namorado, que tudo estava bem em casa e que a terapia não estava mexendo em nada.

E **L.** acrescentou: “fingir que os porres de **V.** não estavam afetando-a ...” (sic) Disse que toda a agressividade dele vinha à tona, momentos em que ele aproveitava para se abrir, pois era muito fechado, e passava a agredi-la.

Ele achava que o álcool não alterava a personalidade da pessoa, só potencializava aquilo que ela já era.

Novamente, esclarecemos que o movimento de pensar no que o outro não faz, continuava paralisando o sistema. Perguntamos se, depois de vários anos fazendo a mesma coisa, não achavam que, mudando, pudessem encontrar amor, ou se isso continuaria causando medo neles. Tinham uma dinâmica de “não dizer” ,verbalmente, o que pensavam, queriam ou sentiam. Só conseguiam fazê-lo através de sinais. Propusemos que tentassem transformar as queixas e reclamações em pedidos, e que dissessem ao outro o que estavam sentindo e que pedissem para entender e respeitar suas opiniões, pois assim poderiam mudar a dinâmica,que procurassem encontrar outras formas para viver melhor.

Depois disso, **L.** contou-nos que ela e **A.** passaram a relacionar-se melhor. Mostramos que existiam dois blocos divididos na casa, o masculino e o feminino, um grupo forte e coeso dos homens e um grupo menor e mais frágil, o das mulheres.

Ficamos dois meses sem atendimento. Pedimos que, nesse período, procurassem ajuda para o problema da bebida. O casal contou-nos que conversou muito sobre o assunto e que, depois de lerem os folhetos sobre os Grupos Familiares AL-ANON, para familiares e amigos de alcoólicos, os Grupos ALATEEN, para os membros mais jovens da família, e os Grupos AA de Alcoólicos Anônimos, pararam de beber na mesma proporção que bebiam antes.

Passamos a atender a família completa novamente. **A.** contou-nos que **L.**, quando bebia, assustava-a, pois se tornava uma pessoa irreconhecível. Pontuamos que a droga liberava nela as angústias, tristezas, a depressão, os segredos, que a bebida era uma fuga e que, provavelmente, **L.** ou **V.** estavam fazendo, ou dizendo coisas, que racionalmente não teriam coragem.

Na 19ª sessão, **C.** e **A.** falaram sobre a diferença de idade entre eles. **C.** disse que ele nasceu de 7 meses, **V.**, que ele foi de 9 meses, e, tanto **C.**, quanto **A.** mostraram que era impossível isso, contando nos dedos a diferença de idade. **L.** cortou o assunto, perguntando para **N.**, porque achava que **A.** mentia, omitia etc.

Foi uma sessão muito importante, pois mesmo as terapeutas ficaram paralisadas e não aproveitaram a oportunidade, ficaram embaralhadas nas verdades imaginárias.

A partir dessa sessão, passaram a valorizar mais os atendimentos, estavam revendo conceitos. **V.** trouxe que a mentira era um vício, e que todos continuavam mentindo e que fazer terapia acarretava muito investimento, a um custo muito elevado.

Nós apontamos que, na terapia, podiam falar e que estavam usando o espaço para vomitarem as dores, as mágoas que eles sentiam. Explicamos que não fomos nós que criamos os assuntos a serem trabalhados, só falávamos a respeito do que eles achavam importante. Esclarecemos que estava difícil aceitar as mudanças que eles mesmos estavam pedindo para acontecer e que, ainda, havia muita dificuldade de enxergar a individualidade de cada um.

Apontamos também, que para o casal era muito difícil aceitar que os filhos estavam crescendo, tendo opinião própria e que ficavam com eles porque queriam.

Na sessão 24ª, foi colocado que a família gostava de fazer conchavos, formar rede de mentiras, de omissões e que isso deixava o ambiente bastante pesado. Disseram que são medos, receios e inseguranças que prejudicam a afetividade entre eles.

Usando uma metáfora, **V.** contou que **L.** era a “fiadora da família”, pois, **V.**, sua primeira esposa, a responsável pela conta, não havia pago, e assim, **L.** era obrigada a arcar com as conseqüências do “mau pagador”. Apontou que o relacionamento estava

muito difícil, pois não dava para “agradar cachorro que apanhou a vida inteira , pois ele não vem” (sic).

V. e **L.** disseram que só **A.** estava conseguindo enfrentar melhor as situações e freqüentava a Seara Bendita – Instituição Espírita. Apontamos que foi ela a primeira, a desbravadora a ir ao encontro do pai e, a partir daí, começaram as mudanças. Os irmãos seguiram-na. **V.** contou que continuavam com medo das mudanças., seu pai nunca mudou em nada, sempre foi “um conservador elevado a um milhão”.

Explicamos que tudo aquilo servia para preservar o movimento de homeostase, ou seja, para continuar da maneira que sempre foi, de modo que eles sabiam como lidar, pois já era conhecida.

A sessão 26 foi muito importante. Através dela, pudemos sentir o quanto o segredo da adoção refletiu no comportamento da família.

L. trouxe que **A.** estava vivendo, tão intensamente, situações que não eram reais, que não conseguia perceber um mundo particular, só dela.

Novamente a mentira de **A.** apareceu, mas dessa vez **L.** apontou que não era só ela que mentia e sim que isso predominava na família.

Observamos que todos mentiam, talvez, para preservar o que existia. **V.** concordou e acrescentou que tudo estava fundamentando-se para manter uma mentira, pois criavam outras mentiras e ele estava consciente de que, para ter liberdade, é necessário estar livre de pesos, ônus, medos de decepcionar as pessoas. Achava que a terapia ajudava, mas que, para render mais, todos precisariam querer uma mudança, isto é, vir de dentro para fora, para que pudessem viver melhor.

Em um dos últimos atendimentos, o casal contou que **A.** melhorou muito no último ano, foi uma melhora fantástica, estava namorando, trabalhando, cuidando-se mais, mas que ainda não conseguia falar o que estava sentindo,

C. disse que, naquele momento, ninguém mais achava que os furtos eram exclusivamente culpa de **A.** .

L. disse que não existiam provas contra ninguém e que **A.** não foi à única que tirava coisas. Todo mundo subtraía coisas um do outro.

V. disse que na casa deles tudo era feito de uma maneira afrontosa, meio agressiva, que parecia terra de ninguém, não se respeitavam e que estavam mantendo todas as portas dos quartos trancadas.

Comparamos a falta de confiança com a questão da mentira e disseram que a verdade poderia levar à liberdade.

V. concordou e disse que a raiz do mal que viviam estava na mentira que os aprisionava, criando muralhas.

Apontamos que tinham facilidade em deduzir as coisas sem conversar. Observamos que falar e achar que o outro poderia ficar magoado, ou ser mal interpretado, era o maior dos medos da família.

Foi uma sessão em que puderam trazer o quanto estavam aprisionados e quanto era difícil a revelação do segredo.

Fizemos, novamente, uma avaliação e concluímos que tinham conseguido muitos avanços. O pedido inicial havia sido atendido e tinham sido feitos vários movimentos :

- Os avanços de **A.** já ocorriam (arrumar namorado, começar a cuidar-se, parar de furtar etc.).
- **C.** e **M.** ficavam mais em casa.
- Os três irmãos passaram a sair juntos.
- A família passou a respeitar-se mais, começou perceber o que fazia para desagradar um ao outro, e conseguia evitar atitudes que atrapalhavam a rotina da casa.
- Estavam aceitando mais as opiniões de **L.**
- Começaram a dialogar mais e passaram a conhecer-se melhor, desmistificando, procurando entender o que o outro sentia, ou queria.
- Houve maior conscientização sobre as fantasias, sobre a idealização de família e sobre o papel que cada um podia exercer .
- Concordaram que não conseguiram tudo o que precisavam, mas já possuíam ferramentas para melhorar os relacionamentos.

Separadamente dos filhos, o casal disse que ainda não estava seguro o suficiente para enfrentar as conseqüências da revelação do segredo, mas sabia da importância do seu significado.

Desde que iniciei os atendimentos, procurei aproveitar a valiosa oportunidade de aprender com as experiências trazidas pela família e colocar em prática a teoria adquirida, durante as aulas do curso. Esse encontro foi precioso, por todos os itens abordados, para minha formação e para meu desenvolvimento pessoal. Com os atendimentos, pude utilizar vários instrumentos de escuta, observação e intervenção, aprendidos durante o curso.

Ao mesmo tempo, compreendi melhor como o diálogo nas relações, resgata o passado, valoriza o presente e facilita os projetos para o futuro e quanto um segredo pode impedir um bom relacionamento familiar.

Esse momento ajudou-me a fortalecer minhas próprias convicções, quanto à educação de minhas filhas adotivas e a importância de poder dizer a verdade sobre a adoção, e

como o conhecimento sobre a própria origem contribui para o desenvolvimento do indivíduo.

Através dessa experiência, pude reconhecer como uma boa orientação é fundamental para a família poder lidar com a preparação e os desafios de um processo de adoção. Foi muito interessante também, pois reforçou minha percepção de como ainda é forte o preconceito em relação à adoção no Brasil e de quanto precisamos modificar essa crença

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender a odiar e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar. NELSON MANDELA. ²

² Palestra de Rosana de Souza sobre Ensino da História e Cultura Afro Brasileira e Africana: subsídios para construção do currículo escolar – 1º da Coordenadora de Educação do Butantã “Caminhar nos diferentes Contextos”

7 TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Vários foram os sentimentos que resultaram na execução desse trabalho.

Através da família estudada, e pela própria experiência, pude observar como o segredo da adoção influencia as relações familiares, alterando as maneiras dos membros interagir. Muitas vezes, existe necessidade de alianças e triangulações, ocasionando mais conflitos. Para ser sustentada, a mentira precisa de outras mentiras, e todo o sistema uma outra reorganização. Alteram-se as funções e os papéis familiares, através da cumplicidade e da lealdade gerada pelo segredo.

No caso clínico apresentado, a revelação do segredo traria mudanças significativas no sistema familiar e acarretaria situações desconhecidas, onde cada membro precisaria adaptar-se ao seu novo papel e, essa renovação, assustou a maioria dos integrantes da família.

Com esse trabalho e, principalmente, por minha experiência pessoal, percebi ainda, que, para adotar, é preciso superar preconceitos, vencer muitas barreiras e que, por isso, a adoção precisa ser um ato pensado e amadurecido, pois a família, ao adotar e ser adotada, está contribuindo muito para o desenvolvimento emocional e afetivo de si mesmo e da criança.

Passar por um atendimento terapêutico, muitas vezes, traz muita inquietação, pois através desses encontros, entendi que a realidade é uma percepção de cada membro da família. É muito difícil reconstruir uma história com exatidão e ainda acreditar que terapeuta não é juiz, não dirá quem tem razão, nem tomará partido.

Outro problema observado é que ainda existe o entendimento de que fazer terapia de casal, ou família é sinônimo de que alguém está louco, ou com um problema insolúvel. Não há nada mágico ou extraordinário, uma sessão terapêutica oscila como a vida, da alegria ao choro, do riso às lágrimas, cheia de altos e baixos, um vai e vem, uma dança “Em briga de marido e mulher, não se mete a colher” — ditado que nem sempre vale a pena ser seguido, pois, às vezes, a tarefa é muito difícil e os desentendimentos começam a destruir a relação e a busca da ajuda de um terapeuta poderá facilitar os cônjuges a conhecer melhor o seu relacionamento e reconhecer os pontos responsáveis pelos maiores conflitos

A maioria das pessoas começa um relacionamento em meio a sonhos, expectativas, valores e, depois, com a rotina, os defeitos, próprios de todos os seres humanos, as

qualidades, as limitações, as potencialidades, escondidos nas idealizações, serão substituídas pela realidade e aí a habilidade de ambos os parceiros aparecerá.

A terapia não é garantia contra o divórcio, nem é a salvação de um casamento, mas pode, a partir da minha experiência como terapeuta, amenizar o sofrimento de uma possível separação, prevenir futuros litígios, harmonizar as necessidades dos pais e reivindicações dos filhos, preservar os relacionamentos com as famílias de origem, tratar das questões sexuais, ajudar os cônjuges a viver suas diferenças e igualdades como estímulos para a individuação de cada um e do desenvolvimento da relação do casal como um todo, ou de qualquer outro aspecto que se considere importante.

Ao adotar a visão sistêmica, é inevitável conceber toda família como um ser vivo, um sistema autônomo, auto-organizado, que tenta progredir em seu ciclo de vida.

Uma terapia procura, na maioria das vezes, mobilizar a partir de certos elementos positivos, rompendo a dinâmica existente, auxiliar os membros de uma família ou casal, na busca de novos caminhos, para lidar com os conflitos. Pode assessorar nas dificuldades de convivência, trabalhar os períodos prolongados de insatisfação e desesperança, prevenir o agravamento de conflitos atuais, auxiliar no controle dos sentimentos destrutivos, valorizar o potencial da família ou do casal, encorajar cada membro a expressar a sua opinião sobre os problemas enfrentados, procurar entender o mundo de cada um.

No caso clínico apresentado, não foi só pela existência de dificuldades da família com a adoção dos filhos o motivo da procura de um atendimento terapêutico. Pudemos destacar os problemas de relacionamentos, dependência química, problemas de comportamento, as brigas do casal, as agressões físicas e verbais, as relações abusivas, momentos de mudança e transformações e, principalmente, questões envolvendo o segredo.

Para encerrar esse trabalho, gostaria de registrar trechos do livro *O Executor do Amor* de Irvin D. Yalom (1996, p. 173 e 174), que me fizeram entender que só podemos conhecer fragmentos daquilo que alguém pensa ou pode dizer, ou seja, o outro jamais pode ser inteiramente conhecido, somos limitados e devemos ter consciência da nossa limitação.

Eu busco palavras, metáforas, analogias, mas elas não funcionam verdadeiramente; elas são, no melhor dos casos, tênues aproximações das ricas imagens que uma vez cruzaram minha mente

Primeiro, existe a barreira entre a imagem e a linguagem. A mente pensa em imagens mas, para comunicar-se com outra, deve transformar a imagem em pensamento e depois o pensamento em linguagem. Essa marcha, da imagem para o pensamento e para a linguagem, é traiçoeira. Acidentes acontecem: a rica, macia textura da imagem, sua extraordinária plasticidade e flexibilidade, suas nuances emocionais nostálgicas privadas – todas são perdidas quando a imagem é metida à força em palavras.

Uma outra razão pela qual jamais poderemos conhecer alguém completamente é que somos seletivos em reação àquilo que escolhemos revelar..

Uma terceira barreira ao conhecimento completo do outro não está naquele que compartilha, mas no outro, o conhecedor, que deve reverter a seqüência de quem compartilha e traduzir a linguagem novamente em imagem – o roteiro que a mente é capaz de ler. É extremamente improvável que a imagem do recebedor seja igual à imagem mental original de quem a enviou.

O erro de tradução é constituído pelo erro de preconceito. Nós distorcemos os outros ao forçá-los às nossas próprias idéias e gestalts³ preferidas, um processo que Proust descreve maravilhosamente:

“Nós envolvemos o contorno físico da criatura que enxergamos com todas as idéias que já formamos a seu respeito e, nesse retrato completo que criamos em nossa mente, essas idéias certamente têm o papel principal. No final, elas preenchem tão completamente a curva de suas faces, seguem tão exatamente a linha de seu nariz, combinam tão harmoniosamente com o som de sua voz, que não parecem ser nada além de um envelope transparente, de modo que cada vez que vemos o seu rosto ou ouvimos a sua voz são nossas próprias idéias a seu respeito que reconhecemos e que escutamos”.

Fazer esse trabalho foi uma das melhores experiências . No início, senti medo. Será que vou conseguir transmitir meu pensamento? Tinha a certeza de que não poderia deixar incompleto meu caminho, pois, através desse curso, iniciei um processo de muita mudança e construção, mas, a necessidade de cumprir a regra de confecção de um trabalho escrito soava como uma meta que nunca atingiria, pois escrever sempre foi uma barreira a ser vencida.

³ Gestalt é uma palavra alemã que pode ser traduzida aproximadamente como “forma total” ou “forma global”. A psicologia da Gestalt enfoca as leis mentais – os princípios que determinam a maneira como percebemos as coisas, ou seja, seriam os sonhos ou projetos não concluídos ou claramente abandonados .

Posso dizer que precisei superar todos meus limites e só consegui, quando assumi que deveria libertar-me de meus traumas pessoais, acreditar em minhas novas competências e procurar realizar um trabalho de conclusão de curso, incluindo-me de forma pessoal e profissional, tudo isto com a orientação e o incentivo da Prof^a. Dra. Elizabeth Polity.

Houve noites em que trabalhei até de madrugada, li muito, pesquisei, procurei analisar detalhadamente todos os materiais adquiridos nessa jornada, mas foi muito importante ver que cheguei ao fim.

Agora, posso dizer que o que sinto é saudade de momentos inesquecíveis, de uma experiência maravilhosa e marcante, não só de fazer o trabalho, mas da realização desse curso de formação, que possibilitou ampliar minha visão do mundo e das pessoas. Fui acolhida com muito carinho, compreensão, paciência, e principalmente, respeito, tanto dos professores, quanto das colegas.

8 RESSONÂNCIAS DA TERAPEUTA

Quando estava escolhendo o tema desse meu trabalho, fui ao sambódromo, em fevereiro de 2006, assistir ao desfile de carnaval e achei que a letra do samba – enredo, *Daquele Jeito*, apresentado pela escola de samba *Águia de Ouro*, ala 11, além de muito corajosa, trata de uma maneira delicada, um assunto que, muitas vezes, traz questões de segredos familiares, por isso quis introduzi-la aqui, como complemento.

*Vi num rosto de criança
A esperança, a inocência no olhar
Entre magias e contos de fadas
Sonhos a realizar
Mas todo encanto se perdeu
Ao perceber um mundo de horror
Sofrendo exploração
Abusos no seu lar
Obrigada a oferecer prazer carnal
E ver o lobo mau
“Comer” a vovozinha
De olho na menininha
O pirata então chegou
Com riquezas encantou, enfeitiçou
Levando assim, em suas mãos
Nossas crianças com destino à perdição
Pedofilia é covardia e eu digo não
Na internet quero amor, educação
Não tem desculpa não
Denuncia é a solução
Pra quem tem culpa
Sofre a punição
Eu quero ver enfim, o meu Brasil feliz
E nessa festa brincar, cantar, sorrir
Hoje a Pompéia vai te enlouquecer
A Águia de Ouro é Fogo !!!
Caio no meu samba, vamos festejar, alertar*

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, T. **Processos Reflexivos**. Noos, 1991.
- AUN, J.G.:VASCOLCELLOS, M. J. e COELHO, S. V **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais**. Ophicina de Arte e Prosa, 2005.
- BATESON, G. **Mente e Natureza: A Unidade Necessária**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BOWLBY, J. **Trilogia**: Apego (2002), Perda (1998) e Separação (1998). São Paulo: Martins Fontes.
- CASTILHO, T. (org.) **Temas em Terapia Familiar**. São Paulo: Summus, 2001.
- CERVENY, C. M. O. (org.) **Família e ...**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- COLOMBO, S. F. (org.) **Gritos e Sussurros** vol. I e II. São Paulo: Vetor, 2006.
- CRUZ, H. M. **Jornal do Instituto Familiaie**, São Paulo, jul/ago/set 2007.
- ELDRIDGE S. **Twenty things adopted kids wish their adoptive parents knew** DTP, 1999.
- ELKAIM, M. **Se você me ama, não me ame**. Campinas: Papyrus, 1989.
- _____. **Terapia em transformação**. São Paulo: Summus, 2000.
- FISHER, M. W.; FISHER S. **Talking with Young children about adoption**. Yale, 1993.
- GALINA, R.L.M. **Contornos individuais no sistema familiar: uma abordagem winnicottiana**. São Paulo: Vetor, 2005.
- GOMES, D. M. **Mitos familiares: memória e ocultação**. Taubaté Cabral, 2000.
- IMBER-BLACK, E. e col. **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre Artes Médicas, 1994.
- LADVOCAT, C. **Mitos e segredos sobre a origem da criança na família adotiva**. Terra dos Homens, 2002.
- LEVINZON, G. **Adoção**. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2004.
- MALDONADO, M. T. **Os caminhos do coração. Pais e Filhos Adotivos**. São Paulo: Saraiva, 1995.
- MATURANA, H. **A Ontologia da Realidade**. Entrevista a Cristina Mago e Ricardo Santamaría. Transcrição e Edição de Nelson Vaz . UFMG, 1990.
- MINUCHIN, S. **Família, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Instituto Piaget, 2003.

_____ **Meus Demônios.** BCD União de Editoras, 1997.

_____ **Fragments do livro Amor, Poesia, Sabedoria.** Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

_____ **O método II – A vida da vida.** Publicações (1980, p.14)

PETRAGLIA, I.C. **Complexidade e Auto-Ética.** Revista Científica do Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo,; v. 2, n.1, jun. 2000. Eccos.

POLITY, E. **A Construção da Identidade Parental na Adoção.** **Revista Psicologia Teoria e Prática.** São Paulo Universidade Mackenzie, vol. 7 , 2005.

SCHETTINI F. L. **Adoção: origem, segredo e revelação.** Bagaço, 1999.

VALENTE, C. (org.). **Um olhar sobre a família.** Afora, 2003

VASCONCELOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico – O novo paradigma da ciência.** Campinas: Papyrus, 2003.

WEBER, L. N.D. **Aspectos psicológicos da adoção.** Juruá, 2. ed., 2003.

_____. **Laços de Ternura** .Juruá, 3. ed., 2004.

_____. **Pais e filhos por adoção no Brasil,** Juruá, 2001.

WHITAKER C. ;BUMBERRY, W. M. **Dançando com a Família.** Porto Alegre: Artmed , 1998.

YALOM, I. D. **O executor do Amor.** Porto Alegre: Artes Médicas,1996..